

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Cerca de 95% das terras pantaneiras são privadas  
[About 95% of the Pantanal lands are private]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.  
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Fachin, Patricia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-09 05:34:22
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/160399">http://hdl.handle.net/20.500.12424/160399</a>

níveis: da planície (com as fazendas de gado); do planalto (com a agricultura em larga escala que tem causado assoreamento dos rios); e sob o ponto de vista ainda do planalto podemos citar a questão das pequenas hidrelétricas. Tem-se implantado uma série de hidrelétricas e o que as autoridades têm visto é o impacto de cada uma isoladamente. Com relação ao aspecto global, a principal ameaça que temos hoje no Pantanal ou nas áreas úmidas em geral são as mudanças climáticas. Segundo as previsões mais pessimistas do IPCC, podemos ter uma redução de 85% das áreas úmidas, com todas as consequências nefastas que isso acarreta, de perda dos serviços ecossistêmicos dessas áreas.

**IHU On-Line - Alguns especialistas dizem que, nos EUA, a destruição de áreas úmidas ocasionou grandes enchentes. Isso é real? No Brasil, isso pode ocorrer caso não haja uma política de preservação no Pantanal?**

**Paulo Teixeira** - É um risco, porque, se desregulamos o ciclo hidrológico, pode acontecer uma série de consequências, inclusive enchentes.

**IHU On-Line - A nova proposta do Código Florestal pode ser boa para o Pantanal?**

**Paulo Teixeira** - Essa nova proposta que está em debate não é boa para ninguém. É boa só para o agronegócio. O lobby da bancada ruralista no Congresso em cima da proposta foi muito forte e há uma rejeição muito grande de vários setores da sociedade a essa proposta. Acreditamos que o bom senso ao final vá prevalecer, porque a pressão social está muito grande. Antes das eleições não deve sair a votação. Mas se passar, essa proposta será preocupante. Mas acredito que não passe. Temos que ser otimistas.

#### LEIA MAIS...

>> Paulo Teixeira já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira,

\* *Os riscos do aquecimento global para o Pantanal.* Entrevista especial com Paulo Teixeira, publicada nas *Notícias do Dia*, em 24-07-2008. Acesse no link <http://migre.me/1n8jV>.

## Cerca de 95% das terras pantaneiras são privadas

O biólogo Walfrido Tomas questiona a informação de que o Pantanal é um dos ecossistemas mais preservados do Brasil. Segundo ele, mapas são feitos através de fotografias instantâneas da paisagem, as quais não captam as alterações em processos ecológicos-chave

POR PATRICIA FACHIN

“**E**m 2008, durante uma expedição pelo Pantanal norte, fiquei estarecido ao verificar a intensidade do assoreamento do Rio Paraguai, o principal Rio do Pantanal”, conta Walfrido Tomas, pesquisador da Embrapa, à IHU On-Line, por e-mail. Há 25 anos estudando o ecossistema, ele aponta o assoreamento dos rios pantaneiros como um dos aspectos mais negativos da região. O assoreamento é resultado do mau uso do solo nos planaltos adjacentes à planície e, de acordo com o pesquisador, tal cenário é prejudicial para o macroecossistema. “A impressão é de que o Pantanal está passando por uma fase de ‘taquarização’, uma alusão ao maior desastre ambiental e econômico já visto no Pantanal - o Rio Taquari foi sendo assoreado desde a década de 1970, e continua até hoje. O resultado foi que este rio ficou entupido de areia, rompeu suas margens e alagou uma área imensa da planície onde as cheias eram sazonais, passando a ficar permanentemente alagada”.

O desmatamento da vegetação pantaneira também é um problema ambiental que começa a chamar a atenção dos pesquisadores. Para Tomas, o preocupante, por enquanto, não são as cifras que indicam o aumento do desmatamento, mas, “o fato de que o desmatamento é acumulativo. Também é preciso pensar que estamos falando de uma tendência, o que é preocupante”.

Walfrido Tomas é graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS, especialista em Biologia de Ambientes Inundáveis pela Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT. Atualmente é doutorando em Gestão de Biodiversidade na University of Kent, na Inglaterra. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O senhor estuda o Pantanal desde meados da década de 1980? Quais foram as principais transformações ambientais ocorridas na região nesse período?**

**Walfrido Tomas** - Comecei a trabalhar no Pantanal em 1985, inicialmente em Poconé-MT<sup>1</sup>. No final de 1986,

vim para o sul, trabalhar junto à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa em um projeto de manejo de jacarés. Neste período, o Pantanal atravessava uma sequência de anos de grandes cheias, sendo que

latitude 16°15'24" sul e a uma longitude 56°37'22" oeste, estando a uma altitude de 142 metros. Sua população estimada em 2004 era de 31.243 habitantes. (Nota da IHU On-Line)

<sup>1</sup> Poconé é um município brasileiro do estado de Mato Grosso. Localiza-se a uma

em 1988 foi registrada a maior cheia do século passado. De lá para cá, o Pantanal entrou em um período de cheias menores, principalmente a partir de meados da década de 1990. Neste sentido, acho que é um privilégio conhecer duas fases distintas do Pantanal, já que a intensidade das cheias determina muitas coisas em termos de vegetação, fauna etc. Pelo lado negativo, tenho visto um aumento no desmatamento, mas esta é uma percepção e não uma quantificação. Como desde 1991 realizamos levantamentos aéreos em todo o Pantanal, e em algumas regiões mais restritas também, é evidente que muita coisa já foi alterada via desmatamento. Outro aspecto negativo também é o aumento do assoreamento dos rios, de quase todos os rios do Pantanal. O assoreamento é resultado do uso do solo nas partes altas, nos planaltos adjacentes à planície, onde nascem todos os rios que convergem para o Pantanal. Em 2008, durante uma expedição pelo Pantanal norte, fiquei estarelecido ao verificar a intensidade do assoreamento do rio Paraguai, o principal rio do Pantanal. Isso é um sinal de que as coisas não estão boas para o macroecossistema, por assim dizer, do Pantanal. A impressão é de que o Pantanal está passando por uma fase de “taquarização”, uma alusão ao maior desastre ambiental e econômico já visto no Pantanal - o rio Taquari foi sendo assoreado desde a década de 1970, e continua até hoje. O resultado foi que este rio ficou entupido de areia, rompeu suas margens e alagou uma área imensa da planície onde as cheias eram sazonais, passando a ficar permanentemente alagada. Fazendas foram literalmente afogadas, a fauna e a flora foram substituídas por espécies mais adaptadas a esta situação, a navegação e a produção pesqueira foram prejudicadas, e a solução pode ser tão cara a ponto de se tornar inviável, principalmente se a interrupção da erosão nos planaltos não for garantida. Em que pesem os dados divulgados sobre desmatamento, que indicam que o Pantanal está entre os “biomas” mais preservados do Brasil, é preciso lembrar que os mapas são feitos através de “fotografias” instantâneas da paisagem (imagem de sa-

télite), que não captam as alterações em processos ecológicos-chave, como as inundações, nem desastres contínuos, como o assoreamento, a poluição, entre outros.

**IHU On-Line - É possível traçar um panorama do Pantanal: quais são as ecorregiões pantaneiras mais preservadas e, por outro lado, as mais prejudicadas?**

**Walfrido Tomas** - De um modo geral, pensando apenas em alterações da paisagem via desmatamento, as bordas de todas as regiões do Pantanal vêm passando por alterações. Entretanto, isso é mais evidente nas regiões de Cáceres, dos rios Piquiri, Taquari, Negro, Aquidauana e Miranda, mas também na única região de Chaco<sup>2</sup> no Brasil, próximo à cidade de Porto Murinho. Nestas áreas, o desmatamento já atingiu proporções alarmantes. Mais para o interior, as áreas desmatadas vão diminuindo, mas os dados divulgados recentemente indicam um avanço deste tipo de ação. Aparentemente, áreas mais baixas, inundáveis e mais distantes de estradas permanecem em boa parte intocadas no que se refere à composição da paisagem original.

**IHU On-Line - Entre 2002 e 2008, segundo relatório do Ministério do Meio Ambiente, o desmatamento (supressão vegetal) no Pantanal foi de 2,82%. Quais são as causas do desmatamento no Pantanal e, pensando na preservação ambiental, o que esse valor representa e significa?**

**Walfrido Tomas** - Alguns aspectos pre-

<sup>2</sup> O Chaco (do quechua chaku: território de caça) é uma região de aproximadamente 1.280.000 km<sup>2</sup> e compreende partes dos territórios paraguaio, boliviano, argentino e brasileiro (ao sul do Pantanal). Caracteriza-se por muitos ecossistemas e climas distintos que variam do semi-árido ao norte, próximo à fronteira com a Bolívia, ao úmido no sul próximo ao Brasil. As temperaturas oscilam entre -7°C no inverno a 47°C no verão. O regime de chuvas também é bem diversificado, indo de 400 mm ao ano na região oeste até atingir 1600 mm já próximo a Assunção, Paraguai. Exibe grande pluralidade de espécies animais e vegetais, algumas delas ameaçadas de extinção. A intervenção humana também tem acelerado o natural processo de salinização dos solos. Dentre as espécies encontradas destacam-se a onça pintada, o puma, o lobinho (popularmente chamado), antas, porcos selvagens, dentre outros. Uma das espécies endêmicas é o javali do Chaco. (Nota da IHU On-Line)

cisam ser considerados. Não me preocupa tanto a cifra de aumento, mas sim o fato de que o desmatamento é acumulativo. Também é preciso pensar que estamos falando de uma tendência, o que é preocupante. Uma estimativa num dado momento no tempo é como se fosse uma fotografia, e o exame continuado nos mostra um processo em andamento. Este é o ponto que não podemos perder de vista. As causas de desmatamento dentro do Pantanal são menos graves, até este momento, em comparação com o que aconteceu e com o que tem acontecido nos planaltos adjacentes, já que lá se originam as toneladas de sedimentos e os poluentes que afetam o macroecossistema inteiro, através de alterações no pulso de inundações, na qualidade e quantidade de água, e, conseqüentemente, na biota e na economia pantaneiras.

Dentro da planície, os desmatamentos são realizados com uma única finalidade: implantação de pastagens cultivadas para intensificar a produtividade pecuária. Aqui está o ponto central do problema. Aumentar a produtividade é buscar maior rentabilidade e competitividade das fazendas pantaneiras em relação ao mercado de produtos pecuários e, neste caso, de carne. O que precisamos urgentemente é de mecanismos e políticas que vissem valorizar a produção pecuária sem que a intensificação da produção seja necessária, porque ela causa impactos ambientais. Para exemplificar isso, a produção pecuária está no Pantanal há mais de 200 anos, e não há notícia de nenhuma espécie extinta ou que chegou à beira da extinção em função desta atividade. Mesmo as espécies que entram em conflito direto com a atividade, como as onças, continuam abundantes no Pantanal, em que pesem as caçadas punitivas que sempre foram realizadas. Espécies que chegaram a ser consideradas comercialmente extintas no Pantanal, como a ariranha (*Pteronura brasiliensis*) foram vítimas do comércio internacional de peles, já que até o final da década de 1960 a caça era permitida no Brasil. A pecuária tradicional do Pantanal, na verdade, pouco alterou a paisagem, o que resultou no Pantanal como conhece-

mos hoje. Mas a descapitalização destas propriedades, tocadas como patrimônio familiar e não como empresas, tem gerado sua subdivisão em função de heranças, o que diminuí seu tamanho e leva à necessidade de intensificação da produção, e assim, em alguns casos, ao desmatamento. Além disso, as terras pantaneiras estão aos poucos mudando de mãos, sendo vendidas por preços irrisórios para pessoas de fora da região, que por não ter relação com o funcionamento do ecossistema, nem a cultura que se desenvolveu na região para a produção pecuária, acabam por implantar formas intensivas de produção. E isso implica em desmatamento em larga escala dentro das fazendas.

**IHU On-Line - Quais os prós e contras do desenvolvimento da pecuária para a região pantaneira?**

**Walfrido Tomas** - Bom, é preciso lembrar que o Pantanal foi ocupado, ou colonizado, em função de uma única característica: sua aptidão pecuária, dado que aqui sempre houve grandes extensões de campos nativos. A agricultura nunca se desenvolveu direito, e hoje ela ocorre em uma parte ínfima da planície, notadamente na região de Miranda-MS. A pecuária se desenvolveu na região porque, ao longo das décadas, as pessoas foram conhecendo como funcionavam as coisas, em especial as cheias e secas, e a distribuição de pastagens ao longo do ano. Daí surgiu o que chamamos de pecuária tradicional. Neste sentido, as gerações de pantaneiros têm uma profunda relação com o ambiente, o entendem, e uma cultura bem específica surgiu desta atividade, a qual é uma produção de cria, não de engorda de bois. Por outro lado, a intensificação da produção, via desmatamento e cultivo de pastagens com gramíneas exóticas, tenta implantar um sistema de produção mais semelhante ao de regiões produtoras de carne. Este tipo de manejo do ecossistema remove camponeses e simplifica a paisagem, antes bastante heterogênea e complexa. Todos sabemos que paisagens diversificadas abrigam maior diversidade biológica. Portanto, além da erosão biológica, pelo menos localmente, podemos dizer que há uma erosão cultural, já que

**“Atualmente, cerca de 95% das terras são privadas, e então a conservação deste ‘bioma’ passa necessariamente pela atividade pecuária”**

o peão tradicional do Pantanal precisa se adaptar a outro tipo de manejo, a uma paisagem que não tem as referências naturais, e às exigências de aptidões que estão fora de sua experiência de vida.

Assim, o que deveria ser buscado é a valorização dos produtos da pecuária tradicional ou de outras formas de manejo que não impactam a paisagem, nem os processos ecológicos básicos do Pantanal, como as cheias periódicas. Com isso, será em muito diminuída a necessidade de intensificação da produção, bastando algumas melhorias no sistema tradicional, uma política de remuneração a quem preserva a diversidade biológica.

**IHU On-Line - O desmatamento da região pantaneira influencia direta ou indiretamente no habitat da fauna nativa? Como ele altera a paisagem do ecossistema?**

**Walfrido Tomas** - Sim, o desmatamento causa impactos profundos na fauna e na flora. Como a paisagem é composta de flores, cerrados, campos inundáveis e não inundáveis, além de sistemas aquáticos permanentes ou temporários, alterações neste mosaico de habitats levam à simplificação da paisagem. Com isso, espécies mais dependentes de um ou outro componente da paisagem deixam de existir localmente, e são substituídas por outras espécies mais adaptadas à nova situação, geralmente espécies que conseguem sobreviver em áreas de campos (as pastagens) ou savanas. Se a tendência persistir ao longo dos anos, a perda de espécies tende a ocorrer em escala regional.

**IHU On-Line - Como o senhor caracteriza as aves do Pantanal? Elas são migratórias, nômades? Qual a importância do ecossistema para esses animais?**

**Walfrido Tomas** - Planícies de inundação são ecossistemas altamente produtivos, o que resulta em populações abundantes de espécies de plantas e animais. Este é o caso do Pantanal. Na região, encontram-se espécies do Cerrado, da Amazônia, da Mata Atlântica, do Chaco e da Floresta Chiquitana (da Bolívia), resultando numa avifauna bastante diversificada. Atualmente, temos registrado mais de 550 espécies de aves na região, sendo que mais de 800 já foram registradas na Bacia do Alto Paraguai, onde se localiza o Pantanal. Mais de uma centena de espécies é considerada migratória ou nômade, o que aumenta a importância do Pantanal para a conservação, mesmo em escala intercontinental, já que é um ponto de parada para dezenas de espécies que migram entre os hemisférios norte e sul.

**IHU On-Line - Como descreve a fauna nativa do ecossistema?**

**Walfrido Tomas** - A principal característica da fauna do Pantanal, atualmente, é a abundância das populações de espécies que estão ameaçadas em escala global e mesmo em outras regiões do Brasil. Casos clássicos que podem ser usados como exemplo são: a Arara Azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*), a Ariranha (*Pteronura brasiliensis*), o Cervo do Pantanal (*Blastocerus dichotomus*), a Onça Pintada (*Panthera onca*), [espécies em itálico] entre outros. Os Cervos, por exemplos, são estimados em cerca de 40 mil indivíduos existentes no Pantanal, estimativa esta obtida pela nossa equipe de Vida Selvagem da Embrapa Pantanal, através de levantamentos aéreos realizados desde 1991.

**IHU On-Line - Qual é a situação das atuais terras do Pantanal? Parte significativa delas estão sob domínio privado ou ainda são terras da União?**

**Walfrido Tomas** - O Pantanal sempre esteve em grande parte em mão privadas. Atualmente, cerca de 95% das

terras são privadas, e então a conservação deste “bioma” passa necessariamente pela atividade pecuária. Não há como pensar em conservação sem se atuar diretamente com os proprietários de terras, sem a valorização daqueles que produzem sem alterar a paisagem ou sem degradar o ecossistema. Para isso, mecanismos de valorização (certificação, selos verdes, etc.) ligados ao mercado são uma ferramenta fundamental, além de políticas públicas condizentes, voltadas ao pagamento de serviços ambientais. Precisamos considerar que, se o Pantanal é um patrimônio nacional, como definido na Constituição, aqueles que o conservam ao mesmo tempo em que exercem suas atividades econômicas, prestam um serviço inestimável ao país, e deveriam ser reconhecidos e remunerados por isso. O poder público nunca daria conta de realizar um serviço assim na escala do Pantanal e, portanto, estes proprietários (que ainda são maioria no Pantanal) merecem o reconhecimento da sociedade.

**IHU On-Line - De que ação depende a preservação do Pantanal? O Código Florestal consegue assegurar a preservação desse ecossistema?**

**Walfrido Tomas** - A conservação do Pantanal, tal como o conhecemos hoje, vai depender de políticas públicas adequadas e regionalizadas. Com esta fase de mudanças no Código Florestal<sup>3</sup>, temos uma oportunidade de discutir as bases técnicas para uma legislação que leve em conta a fragilidade de todo o ecossistema, considerando que tudo que se faz nos planaltos adjacentes certamente afeta a planície de inundação. Neste sentido, é preciso entender as fragilidades de toda a bacia do Alto Paraguai, incluindo a planície pantaneira, e com isto estabelecer normas de gestão territorial voltadas à gestão sustentável e à conservação da biodiversidade (incluídos neste conceito os processos ecológicos-chave que determinam o funcionamento do macroecossistema). No meu entender, as métricas do Código Florestal atual não foram e não estão sendo suficientes para garantir

<sup>3</sup> Sobre o Novo Código Florestal confira as seguintes entrevistas publicadas nas *Notícias do Dia*: *Um Código sem fundamentação científica*. Entrevista especial Ricardo Ribeiro Rodrigues, de 03-08-2010, disponível em <http://migre.me/153BN>; *Código Florestal: 'Não dá mais para tratar a natureza como um modelo de negócio'*. Entrevista especial com Carlos Alberto Scaramuzza, de 08-06-2010, disponível em <http://migre.me/153CT>. (Nota da IHU On-Line)

a conservação do Pantanal. Hoje não há razão para não se utilizar de ferramentas, como imagens de satélite e toda uma parafernália tecnológica, para determinar riscos e estabelecer mecanismos mais condizentes com as fragilidades das bacias hidrográficas. Além disso, dentro da planície, numa paisagem complexa e heterogênea, as métricas do Código Florestal simplesmente não funcionam. O resultado é que a definição de onde estão as Áreas de Preservação Permanente - APPs torna-se um exercício de surrealismo e, então, termina por ser negligenciada pelos proprietários e pelo poder público. É preciso uma solução mais criativa, moderna e com bases científicas, aliada às políticas públicas já discutidas anteriormente. Sem isso, daqui algum tempo não teremos o Pantanal como o conhecemos hoje, até porque as mudanças climáticas devem causar um impacto significativo na região, o risco imposto por Pequenas Centrais Hidrelétricas - PCHs e usinas hidroelétricas que podem mudar o regime hidrológico, as intervenções no Rio Paraguai para incrementar a navegação, entre outros. Precisamos traçar estratégias e tomar decisões acerca destes potenciais impactos.

## PEDIDO DE PERDÃO AO TRIUNFO DA HUMANIDADE - A IMPORTÂNCIA DOS 160 ANOS DAS MISSÕES JESUÍTICAS-GUARANI



JOSÉ ROBERTO DE OLIVEIRA

DATA: 30/9/2010

HORÁRIO: 17H30MIN

SALA IGNACIO ELLACURÍA E COMPANHEIROS  
- IHU